

SÉRIE ANTROPOLOGIA

168

QUEM TEM MEDO DO BICHO-PAPÃO?

Luiz Tarlei de Aragão

**Brasília
1994**

"QUEM TEM MEDO DO BICHO-PAPÃO"?¹

Luiz Tarlei de Aragão

I

As crianças sem pai, bastardas, dividem as honras de desconforto e mal estar maior para as sociedades tradicionais com alguns fenômenos de ordem natural, como o relâmpago, as inundações, o trovão e a morte. A criança em si já é transtorno para qualquer sociedade, como mostram muito bem os rituais iniciáticos ditos de "passagem", e os rituais de nomeação, dos quais temos excelente exemplo na nossa sociedade nativa, Tupinambá. Tem-se que providenciar lugar, espaço, para esses novos chegantes, e assim como trazem esperança de continuidade do ciclo de vida, trazem igualmente incômodo, renúncia e desafio. Seu estatuto social é, no mínimo, de forte ambigüidade.

Essa questão traz-me de início alguma dimensão desse desconforto, na medida em que indaga-me duplamente: como pai e como antropólogo. Como pai não me coloco (nunca me coloquei, aliás) mais tantas questões, não por considerar a tarefa um sucesso, mas porquê os meninos cresceram. É bem verdade que chega a ser um "luxo", a paternidade em sociedades modernas, onde, como super-homens mal enjambrados assumimos com exclusividade essa condição de genitores, locus privilegiado de uma lei super-potente. Como os Txicão, do Xingú, por exemplo, achariam graça desse arranjo de ficção moderna.

Já como antropólogo, vem-me aqui a oportunidade de falar de alguma coisa que talvez tentemos, nós mesmos, especialistas, entender, ou mesmo conceber de forma mais consequente e séria: não uma Antropologia da Educação (tão desastrosa, aliás, como a Sociologia da Família - por razões, no meu entender, homólogas), mas uma Educação pela Antropologia. Entendo mesmo que a própria razão que me levou a optar pela Antropologia esteja ligada a essa "educação pela Antropologia". Assim como Faulkner e sua sensívelíssima visão de mundo, são tributários de uma infância passada entre negros (aos quais via, contrastivamente com seus concidadãos, como seres humanos), assim minha antropologia e certamente uma sensibilidade dolorosamente idiossincrásica, são produto de minha longa convivência com peões ofaié-xavantes, terena e caiwoá, até os onze anos de idade, na fazenda-estado de meu avô matrilateral, no antigo Mato Grosso. Lá, eu fugia, já aos seis anos, da casa-grande para dormir na rede reservada bem no meio da turma (preocupação vinda nunca saberei de quais deles evidentemente), para que não pegasse

1. Originalmente apresentado em Congresso sobre o "Mal-Estar na Educação", organizado pela APPOA, em Porto Alegre, novembro de 1992. A ser publicado em livro pela Editora Artes e Ofícios de Porto Alegre, R.S..

direto no costado o vento frio vindo do chaco húmido, do Paraguai, nem perdesse o sono com medo dos lobos e onças que cruzavam o mato, a poucas centenas de braças do galpão onde reinava extrema ordem e civilização. Então, acho que fui educado pela antropologia, se assim pudesse dizer. O relativismo cultural, eu o vivia do dia para a noite, cotidianamente. De dia, beirava a barra da saia de minha avó Corina, de minhas tias maternas, solteironas, que falavam o guarani com as empregadas enquanto enrolavam o pão de rosca, ao lado do forno vermelho como a boca do inferno, queimando as brasas, se alternando nas colorações do vermelho e do amarelo etéreo, da sucupira, do vinhático e do pau-ferro; ou enchiam linguiças nas tripas mais longas que já ví, advindas dos enormes porcos piau-uçú, de parentesco certo com o tapir e o camelo, ou eventualmente com algum outro ruminante do pleistoceno. Minha educação, e dos meus conterrâneos (hoje, todos se acabaram ou mudaram de mundo), foi feita nessa constante preterição da própria verdade cultural idiossincrásica, em nome de uma relativização e cuidados extremos com a alteridade; e onde na verdade, com extremos de razão plena, apenas se brindava a Natureza. Ou alguma mulher bonita que fazia aqueles homens se jogarem na ponta de um punhal, travado na mão de um outro, ou soltarem a rédea do cavalo no começo de uma estrada que levava sem rodeios a outra volta do destino.

Coerentemente com o que aprendi, então, não assumo monopolisticamente esse privilégio, mas divido-o de certa forma com quase toda minha geração, e aquelas que nos antecederam e que foram criadas junto com caiçaras, escravos alforriados, gaúchos nômades, sertanejos sisudos sempre à beira de extases religiosos, caboclos da amazônia, peões do centro-oeste. Entendo mesmo que o Brasil fôra essa civilização "educada" pela antropologia, em maior ou menor grau. No entanto, (e infelizmente), a convivência não foi suficiente para conjurar decisivamente a tentação ontogênica do etnocentrismo. O narcisismo (mesmo cultural) e a economia, nessas misturas, fala, em regra geral mais alto; e nem fomos até o fim, experienciando in totum essa ocasião que a História nos deu de sermos "relativistas cordiais". E hoje estamos nos tornando, para nossa própria estupefação, apenas "intransigentes e distantes", como se em algum ponto de nosso céu estivesse marcado um destino igual àquele da América do Norte, os fortes pândegos de solidão e equivocada arrogância.

No entanto, uma coisa me chacoalha, atravessa-me o espírito, lancetando minha alma. Um misto de desconforto e urgência, que esse sentimento me produz. Há algumas coisas aqui que estão acabando com tudo: uma delas, talvez a mais fundamental, é "o tempo". Acabamos com o nosso tempo (o ibérico, que seja, como queria G. Freyre), de conversa, de convivialidade, de banalidades certas e bizonhas, balizadas, de comensalidade quase generalizada nas praças e cafés (instituição mediterrânea, que somente Paris puxou tanto para o norte), e não acedemos ao tempo-metrônomo que organiza uma outra visão de mundo; uma outra "segurança de vida" e a própria relação entre as pessoas, e a relação entre as pessoas e as coisas. Ou seja, perdemos nosso tempo, literalmente, e com ele um pedaço de nossas vidas que não conseguiremos passar aos nossos filhos, a essa geração intoxicada pelo que há de mais irrelevante e estéril do ponto de vista civilizacional: a certeza. A segunda coisa preocupante, e intimamente relacionada com esta, é que perdemos a capacidade de sermos pais dos filhos dos outros e com isso criamos de vinte anos para cá um exército de órfãos, que por mais irônico que possa parecer, é filho de uma dupla "carnificina" simbólica. Tudo se passa como se de um momento para outro (foi exatamente assim que o fenômeno se deu - início de anos setenta, bruscamente), negássemos toda

nossa história de concubinação com pretas e índias, de miscenação branco/nativa, quando então éramos pais classificatórios, ou simbólicos de todos os mulatinhos, pretos e pardos, para sermos pais apenas - e muito parcamente - de nossos filhos. Perdemos, junto com o "nosso tempo", evidentemente a marca maior de nossa sociabilidade, essa assunção meio confusa, mas operante, de que éramos todos passavelmente responsáveis pelo que fizeram nossos avós escravocratas, preadores de índios e lascívios predadores de vulvas socialmente degradadas mas carnalmente, particularmente, apreciadas, das escravas e índias, conforme a história e os cronistas viajantes. Esses fatos eram conhecidos, admitidos, comentados, em uma palavra, sociabilizados, aceitos, e tudo se quedava sob a autoridade social paternalista e simbólica do coronel-colonizador. Tudo era dele, bem ou mal, e essas crianças cresciam no nimbo de uma paternidade como que implícita, ou virtual, entre-vista, ou vista de viés. Daí caminhamos hoje para uma orfandade explícita, sem que ninguém produza institucionalmente outro "erzartz" de adoção da paternidade simbólica, e de responsabilidade social. Entendo que os casamentos e uniões, inter-étnicas agora explícitas e cada vez mais generalizadas no país, irão produzir no espaço de uma geração a resposta, já no plano da cidadania plena, a essa questão. Até lá viveremos o purgatório dessa realidade, já que essas crianças, meninos e meninas, saíram de uma relação "naturalizada", do centro do veio telúrico de nossa formação social, sem terem acesso ao céu de uma cidadania plena, com direitos e deveres claramente definidos e compartilhados. É dessa situação insólita e perigosa em que se encontram nossas "crianças-filho-do-outro", de que falarei aqui.

II

O medo nos persegue. Serve para um fim duplo: de um lado num longo trabalho de vencê-lo, garantirmos por aí mesmo a reprodução social e biológica, apesar dos perigos, ameaças e incertezas que o viver nos reserva, em qualquer quadrante social, étnico e histórico que nos coloquemos. A formação generalizada de elites, de nobrezas, de castas diferenciadas tem muito de sua origem no desvirtuamento na aquisição dessa destreza - em driblar o medo -, com a qual os melhores guerreiros, os mais aquinhoados positivamente pela sorte, ou o destino, se fazem gloriosos e reverenciados. Muitas sociedades humanas dispõem até hoje de dispositivos tremendamente eficazes na exorcisação dessa potência, não deixando que esta se configure em diferenças, e mando, subsequentemente. A outra colocação em valor e instrumentalização do medo, situa-se no oposto dessa confluência: as sociedades utilizam-no para fazer curvar os jovens mancebos e impúberes donzelas aos ditames do social. Umas mais, outras menos, mas todas as sociedades e etnias, todos os grupos humanos atualizam e instrumentalizam o medo, afim de revertê-lo ao serviço do social. Em mais de uma sociedade crianças são aterrorizadas a ponto de distenção inimagináveis, mesmo para em algumas delas, mostrar o embuste fictício de perigo em que se deixaram apanhar, para torná-las, ao longo de um processo demorado e radical, destemorados guerreiros e justiceiros audazes. É interessante notar que, retidos esses dois princípios, ou dimensões sociais básicos do medo, todo o resto varia e altera radicalmente de uma sociedade para a outra. Ou seja, o medo, mesmo sendo uma manifestação genérica do ser humano e de animais, ou seres vivos, em geral (sendo que nestes últimos as reações seriam mesmo de ordem genética e metabólica), ele é profundamente, radicalmente,

moldado pelo cultural. Sei de como animais à primeira vista peçonhentos e asquerosos para nós, viram brinquedo de criança, mascote de grupo doméstico em tantas etnias e lugares. Sei de como um touro bravo e apavorante para nós cidadãos, é visto como um animal a ser desafiado constantemente, apesar de toda sua força letal, junto a famílias de toureiros, e, em determinadas aldeias da Espanha e do Sul da França, antigamente. O medo, à base da civilização, foi culturalmente trabalhado por todas as culturas, grupos, etnias e civilizações. Existe por assim dizer uma cartografia cultural do medo, pela qual toda criança deve passar, e de certa forma ser submetida a ela. No momento seguinte, quando dominou todas as artes e grafias dessa cartilha, propõe-se a essas crianças - separadas em grupos de pares, diferenciadas por sexo - que tomem conhecimento de suas próprias capacidades em superar largamente esse sentimento, adentrando às vezes de maneira rude e abrupta (como ocorre em muitas sociedades negras da África) nos segredos culturais de manipulação técnica do medo, e de seu controle fisicamente, mentalmente e liturgicamente.

Garotos e meninas de minha geração devem se lembrar ainda do sem número de contingências de medo a que nos submetiam em nome de um controle ou continência qualquer: orgânica (dejetos), metabólica (ejaculação), de sociabilidade (gritos, choros), etc... A Ibéria, terra da Inquisição por excelência, mas também onde os judeus, árabes, ciganos, galegos, entre outros, dos quais descendemos, foram grandes mestres em arquitetar e incutir dispositivos de amedrontamento em crianças indefesas e desavisadas. A essa panóplia, dita ocidental, veio juntar-se a não menos caudalosa e milenar vertente de origem africana, igualmente inenarravelmente desenvolvida nesse tópico. Havia os animais: lobos e cachorros bravos, seus primos; bois-da-cara-preta, mulas-sem-cabeça, onças de todos os tamanhos e miados; cobras e lagartos, jacarés e piranhas, ariranhas; tigres e leões, mas também, pretos velhos, bruxas que roubavam e comiam crianças, ciganas que as comerciavam - a tal ponto que eu próprio via em determinado momento de minha infância, em cada criança cigana, certamente uma irmã, ou uma prima, no mínimo, a filha da vizinha que sempre deixava o portãozinho do jardim aberto. Tinham também as serpentes enormes, as baleias sempre ambíguas: com um jeito redondo e amaciado, mas que podiam engolir diversos meninos - um timezinho de futebol inteiro daqueles esqueléticos, sujos, andrejos e esqueléticos personagens que éramos pela ocasião. Havia portas do inferno que se abriam, a gente não sabia muito bem aonde, mas sempre de repente, e a qualquer momento; havia as fornalhas, as brasas do purgatório, havia o capeta, em todas as formas possíveis e imagináveis, o cão danado, o sem-nome, o amaldiçoado, de quem não se podia pronunciar o nome em certos dias e horas, ao preço de tornar-se seu aliado para sempre, e não mais ser reconhecido pela mãe, pelos irmãos, pelos amigos e companheiros; todos caçoando - ignorantes da tragédia - do tamanho de seu rabo. Essa talvez fosse efetivamente a condenação maior, essa dessocialização, ou apartação do social, definitiva e sob a ignominiosa insígnia. Nem era bom que pensássemos muito "nele", para não mijar na cama à noite, ou não acordar aos gritos com pesadelos difíceis de serem descritos, como aconteceu com um primo meu em seguidas noites numa fêria do ano de 1954. Aliás, hoje extranhamente ele não se lembra mais do episódio, diz que isso nunca aconteceu porque nunca teve medo do "espírito do Malfeitor", já que "desde pequeno sempre acreditou na força de Deus". Eu, continuei ateu, e não esqueci essas histórias, mesmo aquelas com o capeta como coadjuvante de peso, diga-se de passagem.

De toda essa panóplia aterrorizante, certamente os mais eficazes e generalizados, que eu chamaria de "universais paralizantes" de nossos meninos e meninas, era o trio:

"Bicho-Papão", Lobo-Mau", e "Capeta", por razões até que os psicanalistas, muito mais que os antropólogos e outros "ólogos", poderiam considerar a título de compreensão, ou lazer. Acho que esses bichos e a própria propedeutica ligada a eles está desaparecendo, despencando ladeira abaixo; na curva que o mundo está dando certamente saltarão fora dos trilhos de nossa civilização, para dar lugar a outros, de outros nomes, certamente menos poéticos. No entanto, entendo que uma pane de televisão por alguns meses (se isso ainda fosse possível, meu Deus!) quanto de aprendizado nós, antropólogos, psicanalistas e filósofos, não tiraríamos Recentemente pude ver que pelo menos o "Lobo-Mau", comedor de criancinhas está à flor da pele dos meninos de classe média de Brasília, com idade por volta dos oito anos. D., colega de meu filho passava conosco uns dias na fazenda, em pleno Sertão "roseano" do Urucuia. Voltando da cidadezinha próxima numa noite de lua minguante, de repente o farol do carro varre em cheio um magnífico espécime adulto de lobo-guará, o maior de que se tem notícia. D. perguntou-me se lobo ainda comia criança, e se ele ia na mesma direção que nós. Assegurei a ele que suas duas preocupações eram inócuas, mas vi por seus movimentos subsequentes no interior da cabine da caminhonete, que inócuas haviam sido minhas assertivas. Chegando em casa, e logo após acendermos os lampiões ele lembrou-me que sofria inapelavelmente de insônia, e que naquela noite não dormiria. No ato, manifestei a ele meu contentamento em saber do fato, porque eu também não dormia; não havia jeito, nem reza, que desse volta nessa minha atribulação desviante, para usar um termo que os antropólogos urbanos prezam muito. Tanto é assim, dizia eu a D., que tirava de hábito uma soneca estirada e pacata após o almoço, que era para compensar a excitação curiosa que me traz a chegada da noite, sobretudo na minguante, quando a lua sai aí já pela boca da madrugada. Parece até que fico esperando por ela, inquieto por novo encontro, disse. Propus a ele que conversássemos. Aí D. me confessou algo, entre tantas coisas dele que me tocaram, com sua voz fortemente fanhosa: "tio, mas eu não sei conversar". Então eu te conto uma estória, eu disse; e mais outra, mais outra, e depois você me repete a primeira, a segunda, a terceira etc... Depois vamos sair um pouco no terreiro, vemos as formigas em suas diversas etnias trabalhando, os cupins cuspiendo barro, na reforma de suas casas, ou rodeando a doce raiz da cana caiana; as corujas idiotamente de plantão, virando sempre para o lado errado, de onde não vinha nada. Vamos ver os quero-queros que se acotovelam aos montes e magotes em volta da lagoa, logo abaixo, cuidando dos filhotes, da casa, dos outros bichos, como se fossem os guardiães de tudo, povo que não dorme... Sono de quero-queros, disse para ele, deve ser num átimo, e tão tênue, que a esposa nunca vai se separar dele por essa causa única; e em tantos outros casos - como do porco, que ronca, por exemplo, uma tonitroante razão. Veremos no curral algum tatú peba mexendo na bosta fresca das vacas que saíram para o pasto depois da ordenha da tarde, e algumas vezes assustam os bezerrinhos mais novo que ainda não se acostumaram com essa escatologia noturna desses dasipodídeos, noctívagos, como nós. Só que nós não comemos bosta. Aí D. riu muito enquanto fazia uma cara de nojo escachado. Senti, diga-se de passagem, que nesse momento, a bosta nessa menção escatofágica começou a arredar o lobo para trás e para o lado, tomando, graças a Deus o seu lugar. Estrume dá nojo, mas não engole ninguém. Basta não ser engolido, o que já é uma coisa que depende da iniciativa da gente, e não do outro. O vento bateu um pouco mais forte em nossas redes, exatamente, quando a lua com atraso apareceu entre acanhada e misteriosa bem no rumo da ponta de nossos pés. Não sei que horas eram, mas, faltavam ainda muitos pensamentos, rebatimentos de desejos, dois ou três cantos dos galos, respondidos infalivelmente pelo carijó do meeiro mais abaixo, até que o guri que puxa as vacas para o curral saísse em suas

buscas no mangalarga do tamanho de um vagão, pro lado da chapada onde elas dormem; num "maneador" bosqueado onde o vento fino passa por fora assobiando e arrodando as folhagens, balançando as copas dos jequitibás, dos angicos, sucupiras e pequis copados que fazem a borda mais externa com suas folhas largas e macias; como mãos que deviam ser as do Divino, e flores cheirosas de um amarelo-claro, quase alvo, onde os viados vem delicadamente buscá-las com a ponta do fucinho gelado, alternando abanos do rabo branco com batidas ligeiras de casco no solo vermelho arenoso, ressequido naquela época do ano. Expliquei tudo aquilo a D., e disse também que se quisesse iríamos para o quarto, onde meu filho já ressonava, acostumado com minhas estórias e desde pequeno provador convencido do tremendo poder sonorífero delas. Que falavam invariavelmente das artes dos bichos, dos mistérios da natureza, e dessa grandiosa solidão do ser humano. O vento tirava as nuvens de cima do pedacinho aceso da lua, e enquanto a luz aumentava um pouco, o fio fino da aragem sul-sudeste me convenceu a sugerir a D., que também sofria de asma, a ir para a cama dele, colocada, na ocasião, em meu quarto. Ao entrar D. fez um comentário sobre o fato de que meu filho não tinha medo de lobo, já que ficara ali no quarto, a três metros de nós, mas sozinho; botou o pijama, para mim já um sinal de nítida e próxima defecção da boemia; singularmente, esforçadamente, ouviu até a metade da primeira estória, e, impúdico roncou como o outro. Assim são as crianças: querem apenas se assegurar de que não estão sozinhas, para em seguida partirem para seus sonhos mais audazes.

Nunca discuti se mãe é necessário na ordem simbólica das coisas, o que sei é que em meus estudos sobre a civilização mediterrânea, sobre a qual tenho me debruçado mais longamente, ela é um pouco essa lua, que mesmo quando ausente, - lua nova - é representada plenamente e em mancha escura, em todo o tamanho. E naquela noite, pensei que criança precisa muito de pai, se não por outra razão, simplesmente por aquela de poder dar uma empurrada no lobo, no bicho-papão, no capeta, e no lugar deles botar uma titica qualquer, mais teluricamente aproveitável, bio-degradável. Acho que uma educação pela Antropologia poderia de certa forma ser o caminho, até consciente, por parte desses educadores geniais, que de repente percebem que toda teoria é insana quando se produzem certezas inócuas, e, sujeitos sem medo de suas posições rígidas e auto-referidas no interior de uma sociedade plural, e de um mundo sentenciado ao compartilhamento de existências e valores.

Quero falar agora, em separado da entidade fantasmático-genérica de bicho-papão, pertencente ao museu da infância e que inspirou esta comunicação. Se antes, o bicho-papão aterrorizava as crianças, chegamos hoje ao ponto histórico de escachada e irônica inversão onde vejo as crianças abandonadas, cheiradores de cola, assaltantes-mirins, trombadinhas, delinquentes juvenis - uma verdadeira multidão deles - como sendo o bicho-papão da sociedade, em particular da elite classe-média, mais ou menos "bem" pensante, auto-designada detentora de nossa consciência do social. Essas crianças sempre malvestidas, ou maltrapilhas, arredias, ágeis em seus movimentos como se fossem isentas à lei de de gravidade e de apreensão física dos corpos, escondidas em cagoules e camisetas puxadas para o alto, são hoje o bicho-papão; entidade acorporal, supra-temporal, vagueante e incontrollável que nos ameaça. São os filhos-sem-pai, que de apêndice do social, em qualquer sociedade, tornam-se hoje, na nossa, um dos seus pontos focais; e, em meu

entender, detém, com valor notável de sintoma, o estigma do abandono em que a massa de nossa sociedade foi relegada a partir dos anos setenta, na mais séria e rápida revolução social dos costumes de que tenho notícia, em nossa sociedade - talvez mais importante, mesmo, que o fim da escravidão, quando nem por isso o status do negro em nossa sociedade se modificou radicalmente. De repente, essas mulheres que os pariram não são mais as amas de leite dos "sinhozinhos", seus meninos não são mais os afilhados, nem mais os zézinhos de Rita, nem os joões de Zilda, nem os tiões de Arnóbias, e por aí afora. Há uma "rarefação" nessa área, da filiação simbólica e da aliança social; toda a relação dessas crianças entre elas e com o mundo, dando-se agora através apenas de adesões, cumplicidades casuais e estratégicas, ou mesmo táticas. Nessa brecha casou-se a demanda por drogas da parte da classe média, que ela também, já no primeiro decênio do último período ditatorial havia forjado clara virada no sentido de uma debandada em relação a seus credos, valores e expectativas mais tradicionais. Desde então, cada um por si, (e nem mais Deus por todos), mas não no sentido do modelo individualista, estruturado do Hemisfério Norte, e sim no sentido do esvaziamento de uma moral coletiva de participação e gentil curiosidade, com apreço gratuito e a priori compartilhados; e, no lugar desta, a ética da vantagem, da corrupção e da celebração de ícones materiais de matriz importada, ridiculamente fetichizados. Sem poder alcançá-las as intricâncias do código alienígena europeu e norte-americano, no qual foram produzidos, nossa classe média produz uma cultura - e vive nela - do deboche. Ou seja, na década de setenta a alta e média classe - média (e agora o povo) tiveram acesso à rede, mas não ao código. Deu-se surdamente, como que um cataclisma abalando nossas longas e larga estruturas sociais mais perenes, e ao passar o momento mais crucial, o epicentro, assistimos agora à falha, e a partir da qual, num buraco abissal, rompeu-se nosso contrato de convivência, de convivialidade e comensalidade entre as classes e grupos sociais. Demo-nos as costas, metemos as mãos em nossas respectivas armas, e é evidente que o elo mais fraco, - essas crianças - social, economicamente, e simbolicamente desamparadas, que sempre existiram em nossa sociedade (desde a época das bandeiras, e mais ainda da escravidão, a seguir, da república velha, e assim por diante), são o ponto mais visível e mais cruel dessa "virada de eras" que ocorreu em nossos padrões culturais, neste século. A situação, portanto, se inverteu: de medo que causava nas crianças, de forma generalizada e universal em nossa cultura, o bicho papão de nossa sociedade é hoje esse exército "das sombras e das sobras", maltrapilho e andrejo, que ninguém sabe ao certo o efetivo, nem como "sitiá-lo", e que logo mais tomará o lugar dos assaltantes organizados que hoje operam como guerrilhas tardias do fim do século, e fim do império (que nunca findou, na verdade), e do começo de uma república (que igualmente nunca começou, de verdade). Sou, apesar de tudo, otimista e acho que a tudo isso, bem entendido, se deva dar tempo, temperado de esperança e trabalho, o melhor molho para tão indigesto prato. Temos hoje, todos, sem excessão, medo do bicho-papão, quando devíamos cuidar melhor de nossas crianças, filhos, ou não. Quando, o que vemos, é uma espécie de desejo generalizado e pervertido por parte de nossa sociedade no sentido de que as crianças e o futuro, resolverão os problemas que nós não estamos sequer tomando consciência de sua dimensão e gravidade.

Em Brasília, uma amiga, colega da Universidade, podia ser vista até recentemente distribuindo sopa para as crianças do Varjão do Torto, todos os sábados à tarde. Há algum tempo foi para São Paulo tratar de uma doença de difícil cura, e em seguida, muito rápido, veio a notícia de sua morte. Por alguma época os guris e meninas ainda vinham ali, e ali ficavam à espera de que as notícias desencontradas fossem todas falsas e que de

alguma forma a pessoa no caso e a sopa, voltariam. Rodeavam como pequenas abelhas selvagens do Sertão, e ficavam em volta de onde existira a colméia e o mel, durante um curto período de tempo, dez luas, se tanto. Quando não viajo com meu filho e outros "Ds" para a fazenda, vou ao Feirão da Ceasa, por vocação escatológica minha de ver comidas escancaradamente ofertadas com seus cheiros e cores, a pessoas indo e vindo, ainda uma vez como abelhas contentes de fazer o mel, e come-lo em sociedade. Fico esperando que os últimos frequentadores se esvançam, para depois levar uma companhia inteira de meninos e meninas de catadores de sobras, que nem se aguentam com os sacos e caixas duas ou três vezes o tamanho de suas envergaduras, e outro tanto de seus pesos. Sobem na camionete gritando, e quando andamos um pouco geralmente cantam e batucam como se aquilo não fosse um sábado banal, mas um carnaval que não findará. Deixo-os no ponto onde me pedem, e invariavelmente me perguntam para onde vou. Sinceramente vem-me um nó na garganta, porque nessas condições não "vou" para casa; e nunca tampouco pronunciaria esse nome na presença deles; seria fatalmente traí-los, suponho, ferindo-os no âmago. Outro dia uma menina do bando disse-me que "o mundo, essas gentes, ninguém quer saber de nós". E eu mesmo fico me dizendo que podendo aparentemente exorcisar junto a filhos de classe média, lobos-maus com bosta de vaca (que depois queimaríamos, seca, em liturgia na qual peles de lobo serviriam de tapetes para nossa dança endiabrada com os bastões batendo em som oco no chão, e para onde fruiriam, definitivamente, nossos medos), honestamente, não sei ainda, e talvez jamais o saiba, como fazer, em larga escala, e urgentemente, "bicho-papão" virar gente.